



RELATÓRIO

Inquérito: Oferta de Língua Estrangeira na Educação Pré-Escolar em Portugal

Maio 2016

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 3 |
| 1. OBJETIVOS DO INQUÉRITO: OFERTA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR EM PORTUGAL..... | 4 |
| 2. METODOLOGIA DE TRABALHO E RECOLHA DE DADOS..... | 4 |
| 3. FASE 1: RESULTADOS DO INQUÉRITO..... | 5 |
| 3.1 NÚMERO DE RESPOSTAS..... | 5 |
| 3.2 PROJETOS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: NÚMERO, DISTRIBUIÇÃO E ORGANIZAÇÃO .. | 6 |
| 3.2.1 Número e distribuição dos projetos de língua estrangeira | 6 |
| 3.2.2 Projetos de língua estrangeira: curricular ou não curricular | 6 |
| 3.2.3 Duração dos projetos de língua estrangeira..... | 7 |
| 3.2.4 Iniciação à língua estrangeira..... | 8 |
| 3.2.5 Número de sessões e duração por semana..... | 8 |
| 3.3 CARACTERIZAÇÃO DO DOCENTE DE LÍNGUA ESTRANGEIRA | 10 |
| 3.4 PRÁTICA PEDAGÓGICA: RECURSOS E ATIVIDADES | 12 |
| 3.5 EVIDÊNCIAS DE BOAS PRÁTICAS | 13 |
| 3.6 CONCLUSÃO DA PRIMEIRA FASE DO ESTUDO..... | 15 |
| 4. FASE 2: TRABALHO DE CAMPO..... | 17 |
| 5. BIBLIOGRAFIA | 18 |
| 6. ANEXOS..... | 20 |
| INQUÉRITO | 20 |

INTRODUÇÃO

A oferta de língua estrangeira na educação pré-escolar tem existido desde sempre na Europa, mas na última década, esta oferta tem sido influenciada pelas políticas europeias, que destacam a importância da aprendizagem de pelo menos duas línguas estrangeiras em idade cada vez mais precoce (European Commission, 2002: 44). Na sequência deste destaque, em 2011, a Comissão Europeia publicou um guia estratégico de referência para o ensino das línguas estrangeiras, assim como um conjunto de boas práticas de suporte à implementação de projetos de língua estrangeira no espaço europeu. Neste documento reconhece-se que há poucas evidências de abordagens comuns e indicadores de sucesso na aprendizagem da língua estrangeira em idade precoce, nomeadamente em Portugal (European Commission, 2011: 14).

No relatório recentemente apresentado pela Eurydice (2012), era patente que, até setembro de 2015, um terço da comunidade europeia implementaria a aprendizagem de uma segunda língua estrangeira a crianças até aos seis anos de idade, sendo que o Inglês é a língua de oferta mais alargada. Este crescente fenómeno da aprendizagem de Inglês neste nível etário é também expresso num estudo apoiado pelo British Council (Rixon, 2013). Aliás, o sucessivo investimento nesta matéria, revelado através de apresentações em conferências, inquéritos nacionais, investigações e publicações no âmbito da aprendizagem de uma língua estrangeira na educação pré-escolar, confirma que a língua inglesa é oferecida, quer no ensino público quer no ensino privado, apesar de não existirem orientações e legislação, resultando numa grande variedade de experiências de aprendizagem e de qualidade das mesmas (Mourão e Lourenço, 2015; Murphy e Evangelou, 2016).

Em Portugal, o Conselho Nacional de Educação apresentou o documento “Relatório Técnico – Integração do ensino da língua inglesa no currículo do 1º ciclo do Ensino Básico” (Gregório, Perdigão e Casas-Novas, 2013), que na esteira das indicações europeias, também promove a aprendizagem precoce das línguas estrangeiras na educação pré-escolar e destaca alguns dos benefícios da mesma:

“A chamada aprendizagem precoce de línguas (APL) no nível pré-escolar é justificada por ser um exercício que melhora o desenvolvimento pessoal e social da criança, ao mesmo tempo que aumenta a sua capacidade de empatia face aos outros. Uma das vantagens de começar cedo traduz-se na aquisição de níveis de competência equivalentes aos dos nativos (pronúncia e entoação). De igual modo, a sensibilidade ao ritmo e à fonologia aumenta com a exposição à língua.” (Gregório et al., 2013:7).

Em Portugal, a solicitação de formação contínua à Associação Portuguesa de Professores de Inglês (APPI), no âmbito da didática do ensino de Inglês a esta faixa etária e a participação e partilha de projetos no âmbito da educação pré-escolar, em seminários, conferências nacionais e internacionais têm vindo a confirmar que a aprendizagem de Inglês, em particular, é também uma realidade nas escolas portuguesas, sejam elas escolas da rede pública ou da rede privada.

Tendo em conta o volume reduzido de informação em Portugal relativamente à oferta de língua estrangeira na educação pré-escolar e, tendo o Ministério da Educação e Ciência (MEC) decidido implementar o ensino do Inglês no currículo do 3º e 4º anos do 1º ciclo do ensino básico a partir de 2015/16, a APPI, em colaboração com a Doutora Sandie Mourão, com o apoio do Ministério da Educação e Ciência (MEC/DGE) e a Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI) tomou a iniciativa de levar a cabo um inquérito a nível nacional que elucidasse a situação de oferta de língua estrangeira (existência ou não) na educação pré-escolar.

1. Objetivos do Inquérito: Oferta de língua estrangeira na educação pré-escolar em Portugal

O inquérito, produzido pela APPI (anexo a este relatório), teve como objetivo recolher informação a disponibilizar por agrupamentos de escolas (rede pública) e estabelecimentos de ensino particular e cooperativo (rede privada com fins lucrativos) e instituições particulares de solidariedade social (rede privada sem fins lucrativos), em Portugal Continental relativamente: 1) à oferta de língua estrangeira na educação pré-escolar; 2) ao perfil do docente de língua estrangeira, na educação pré-escolar; 3) a evidências de abordagens e práticas; 4) às atitudes e opiniões das crianças, relativamente à aprendizagem da língua estrangeira.

2. Metodologia de trabalho e recolha de dados

Este estudo foi organizado em duas fases:

1. a conceção, a implementação e análise de dados do inquérito *online* – “Oferta de Língua Estrangeira na educação pré-escolar em Portugal” - enviado a todas as instituições com Jardins de Infância, em Portugal Continental;
2. trabalho de campo realizado através de visitas a algumas das instituições que responderam ao inquérito: entrevistas a educadores de infância, a professores de língua estrangeira, observação de aulas e recolha de desenhos dos alunos.

Na primeira fase, a conceção do inquérito contou com a colaboração dos membros da direção da APPI e da Doutora Sandie Mourão. Recorreu-se à plataforma *Survey Monkey* para elaborar um inquérito que permitisse, posteriormente, a recolha e análise de dados do mesmo. Finda esta fase, a APPI submeteu o inquérito na plataforma MIME para obter a validação e aprovação da Direção-Geral de Educação - DGE. Apesar de todo o apoio da DGE, o processo de validação deste inquérito demorou mais do que o previsto, tendo ficado o plano inicial adiado por alguns meses e limitado em alguma medida o trabalho de campo.

Com o objetivo de chegar a todas as escolas da rede pública e privada, a associação solicitou à DGE que, através dos seus meios, enviasse o presente inquérito¹ a todas as instituições com educação pré-escolar de Portugal Continental. O inquérito foi enviado efetivamente para todas as instituições da rede pública e privada apenas em maio de 2015, com o prazo máximo de resposta até 20 de junho do mesmo ano. Nesta fase do projeto, solicitava-se o preenchimento deste inquérito por um elemento da direção com responsabilidade na administração da educação pré-escolar / diretor(a) pedagógico(a) do estabelecimento de ensino da rede pública ou privada (com e sem fins lucrativos), em colaboração com um(a) responsável pela aprendizagem da língua estrangeira na educação pré-escolar.

Na segunda fase do projeto, no final do ano letivo, foram recolhidas algumas informações de escolas que já tinham respondido ao inquérito. No entanto, esta recolha ficou limitada uma vez que foi realizada no final do ano letivo, tendo sido retomada durante o ano letivo de 2015/16.

3. Fase 1: Resultados do Inquérito

3.1 Número de respostas

De acordo com dados fornecidos pela DGE, o inquérito foi enviado para 811 agrupamentos de escolas da rede pública, com 1406 jardins de infância; e para 2477 instituições da rede privada, com 1811 jardins de infância. Na análise, foram coletadas 613 respostas de agrupamentos de escolas, correspondendo à elevada taxa de resposta de 75,6% das escolas da rede pública e ainda 446 jardins de infância da rede privada, totalizando apenas 24,6% do número total da rede privada. Embora a percentagem de respostas seja reduzida no que diz respeito ao setor privado, acredita-se que ela é representativa da realidade.

¹ <https://pt.surveymonkey.com/r/OfertalnPre>

3.2 Projetos de Língua Estrangeira na educação pré-escolar: número, distribuição e organização

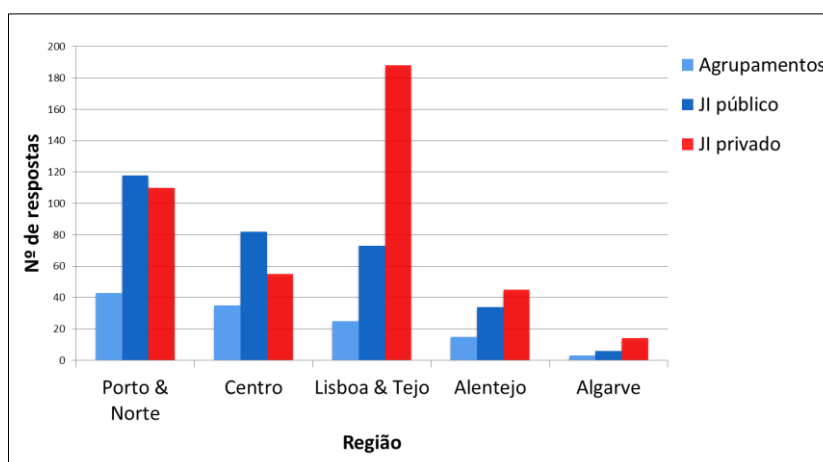
3.2.1 Número e distribuição dos projetos de língua estrangeira

Do número total de respondentes, 324 jardins de infância de 124 agrupamentos de escolas da rede pública e 307 jardins de infância da rede privada confirmaram a existência de projetos de língua estrangeira. Será necessário sublinhar no entanto, que nem todos os jardins de infância do mesmo agrupamento de escolas oferece um projeto de língua estrangeira.

Pode ainda adiantar-se que das seis opções de língua estrangeira apresentadas no inquérito, Inglês é a única língua estrangeira ensinada nos jardins de infância da rede pública, representando 23% dos jardins escolas da rede pública e 69% da rede privada com projetos de língua estrangeira. As outras línguas estrangeiras mencionadas pelos respondentes, e todos como segunda língua estrangeira (Espanhol, Francês, Mandarim e Alemão) são referidas apenas em escolas da rede privada, em número pouco significativo (menos que 1%).

O gráfico da Figura 1 demonstra que existe uma maior incidência de oferta de língua estrangeira nas zonas urbanas de Lisboa e Vale de Tejo e Norte (Porto e arredores), tanto nas escolas da rede pública como da rede privada. No entanto, em Lisboa e Vale do Tejo esta oferta é mais significativa na rede privada.

Figura 1: Número de projetos de língua estrangeira por região

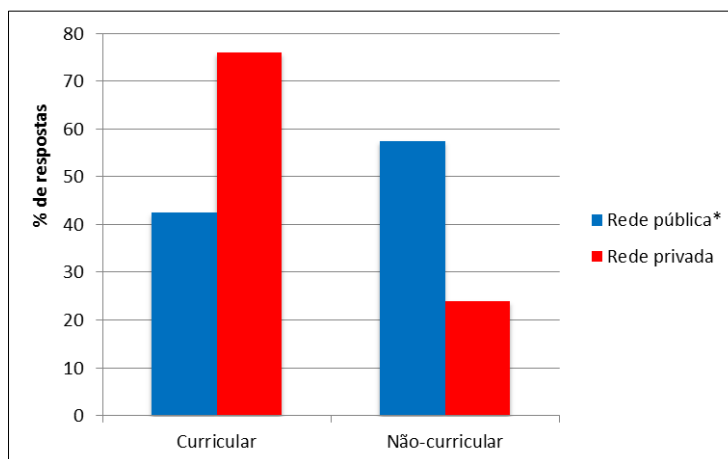


3.2.2 Projetos de língua estrangeira: curricular ou não curricular

Nos jardins de infância da rede pública, a oferta de Inglês é na sua maioria uma atividade não curricular (quase 60%), e paga pelos encarregados de educação. A iniciativa desta oferta parte, em primeiro lugar, das Câmaras Municipais e, em segundo lugar, dos estabelecimentos de ensino,

através do programa Atividades de Animação e Apoio à Família (AAAF)². Esta oferta significa, por um lado, que nem todas as crianças dessa instituição participam nas atividades de Inglês. Enquanto que, por outro lado, a oferta de Inglês nos jardins de infância da rede privada é realizada maioritariamente dentro do horário curricular (76%), fazendo com que todas as crianças participem nestas atividades, uma vez que integram o currículo.

Figura 2: Oferta de língua estrangeira: curricular vs não-curricular



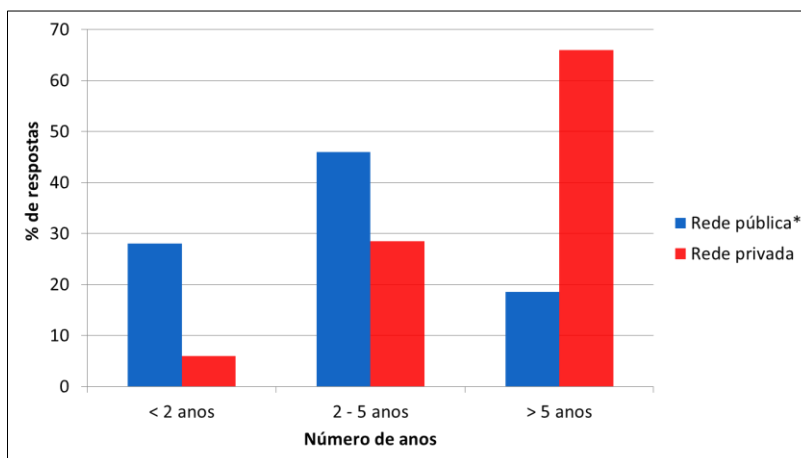
* Agrupamentos

3.2.3 Duração dos projetos de língua estrangeira

Apesar de não existirem quaisquer orientações ou programa para a aprendizagem de uma língua estrangeira na educação pré-escolar, é notório, pelo gráfico apresentado na Figura 3, a existência de oferta da mesma, na rede privada há mais de cinco anos (65%); na rede pública apenas 45% dos projetos de oferta de Inglês foram desenvolvidos nos últimos cinco anos e menos de 20% têm mais de cinco anos de existência. Desta pequena percentagem de projetos 25% faz parte do grupo das instituições que oferecem Inglês no currículo, envolvendo assim todas as crianças na aprendizagem.

² AAAF (Atividades de Animação e Apoio à Família), funciona como apoio aos pais e Encarregados de Educação, para que as crianças possam permanecer na escola, para além do período das atividades letivas. A AAAF pode ser dinamizada pelas câmaras municipais, juntas de freguesia ou associações de pais.

Figura 3: Duração dos projetos de língua estrangeira

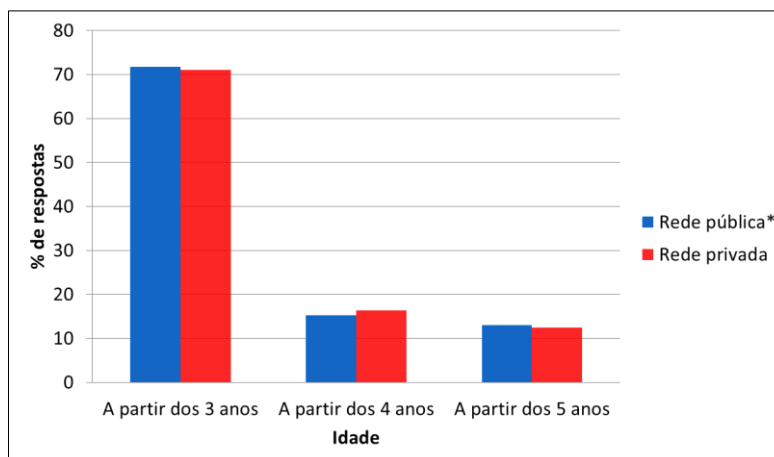


* Agrupamentos

3.2.4 Iniciação à língua estrangeira

Tanto os alunos da rede pública como da rede privada iniciam a aprendizagem de Inglês aos três anos de idade, como demonstra o gráfico na Figura 4, ainda que as razões para tal sejam diferentes. Na rede pública os alunos dos 3 aos 5 anos de idade encontram-se todos agrupados na mesma sala, enquanto que na rede privada os alunos estão agrupados por turmas e de acordo com a sua faixa etária, existindo assim uma opção consciente da rede privada na oferta de Inglês a partir dos 3 anos.

Figura 4: Idade de iniciação à língua estrangeira



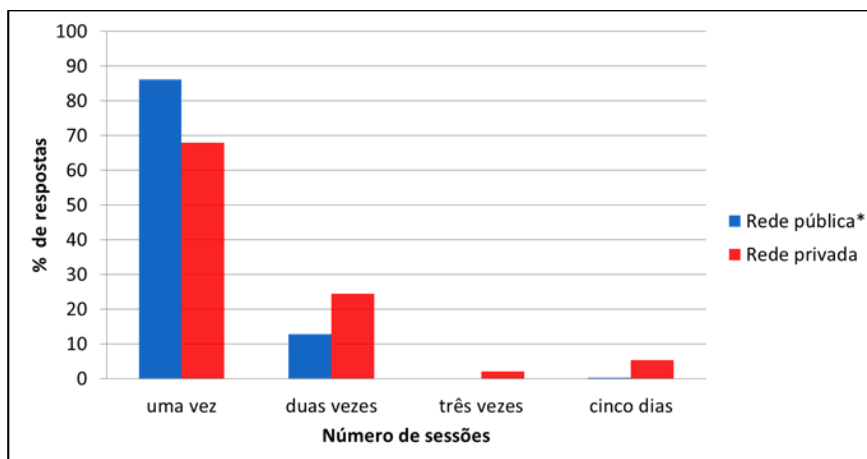
* Agrupamentos

3.2.5 Número de sessões e duração por semana

Como se pode verificar pelo gráfico na Figura 5, a maioria dos projetos de oferta de Inglês apresenta uma baixa exposição à língua; na maior parte dos casos, tanto nos jardins de infância da

rede pública como da rede privada, as atividades de Inglês ocorrem apenas uma vez por semana, 85% na rede pública e quase 70% na rede privada. Menos de 15% na rede pública e menos de 25% na rede privada das instituições têm aulas duas vezes por semana.

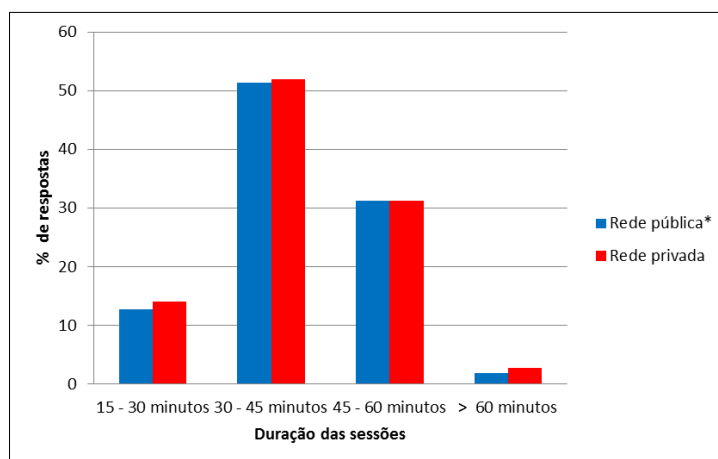
Figura 5: Número de sessões por semana



* Agrupamentos

Comparando com os resultados da Figura 6, que revela a duração dessas sessões, podemos verificar que estes projetos de oferta de Inglês apresentam uma pequena exposição à aprendizagem da língua.

Figura 6: Duração das sessões



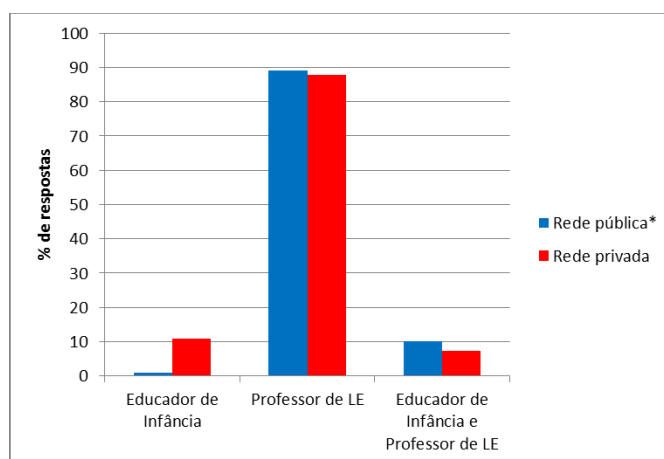
* Agrupamentos

Este gráfico revela que a duração das sessões apresenta resultados semelhantes em ambas as redes, pública e privada. Cerca de 50% das respostas indica que as sessões duram entre 30 a 45 minutos e 30% indica que as sessões duram entre 45 a 60 minutos. Podemos ver também a existência de projetos bilingues em sete jardins de infância de um agrupamento da rede pública e 18 na rede privada, que oferecem Inglês todos os dias da semana, tendo as sessões mais de sessenta minutos de duração.

3.3 Caracterização do docente de língua estrangeira

De acordo com o gráfico da Figura 7, na maioria das instituições, quer da rede pública, quer da rede privada, são os professores de Inglês, não pertencentes aos quadros da escola ou instituição que dinamizam esta oferta. Contudo, existem registos de que os educadores de infância também dinamizam a atividade de Inglês (10% na rede privada) ou trabalham em coadjuvação com os professores de Inglês (cerca de 10% na rede pública).

Figura 7: Docente responsável pela atividade de língua estrangeira

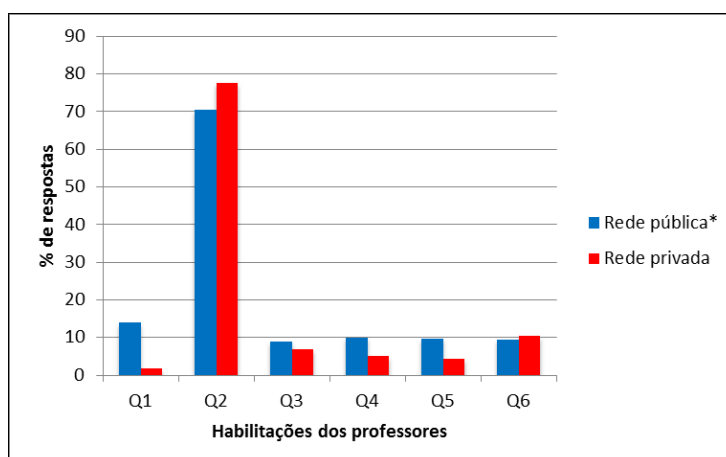


* Agrupamentos

As habilitações e competências destes professores de Inglês são difíceis de averiguar, ainda que as orientações do Comissão Europeia sublinhem no entanto a importância das mesmas: ‘the qualification profile of staff working with young children in pre-primary settings has long been recognized as a critical factor for the quality of [these] settings and the children’s experiences. This also holds true for those staff (...) who are supporting early language learning activities’ (2011b: 17). A aquisição das competências pedagógicas e competências linguísticas necessárias para trabalhar com crianças da educação pré-escolar são extremamente importantes, implicando também o conhecimento da psicologia de desenvolvimento da criança subjacente a esta prática bem como a confiança para falar, de forma espontânea e fluente, na língua de ensino, utilizando uma linguagem adequada a esta faixa etária.

A questão colocada no inquérito sobre as habilitações dos professores de Inglês apresenta uma grande diversidade de respostas, especialmente os professores da rede privada (ver gráfico da Figura 8).

Figura 8: Habilitações dos professores



* Agrupamentos

Chave: Q1: Licenciatura em educação pré-escolar | Q2: Licenciatura em Língua Estrangeira | Q3: Outra licenciatura | Q4: Falante Nativo | Q5: Outra qualificação | Q6: Não sabe

Os professores que lecionam Inglês na educação pré-escolar possuem, na sua maioria, uma licenciatura em ensino de Inglês (quase 80%), mas com formação para lecionarem alunos entre os 10 e os 18 anos de idade; uma percentagem mínima das respostas (1,7%) possuem uma licenciatura em educação pré-escolar e, entre 7% e 9% têm outras licenciaturas, tais como: relações internacionais, professores de 1ºCEB, comunicação, serviço social, psicologia, direito, literatura Inglesa, entre outras. Outras habilitações ainda faziam referência às qualificações linguísticas dos professores, mas não às suas habilitações pedagógicas. Foram dados como alguns exemplos de certificação: Inglês 12º ano, exames de Cambridge e falantes nativos. Mais ainda, 10% dos respondentes não tinham conhecimento das habilitações dos professores responsáveis pela atividade de Inglês.

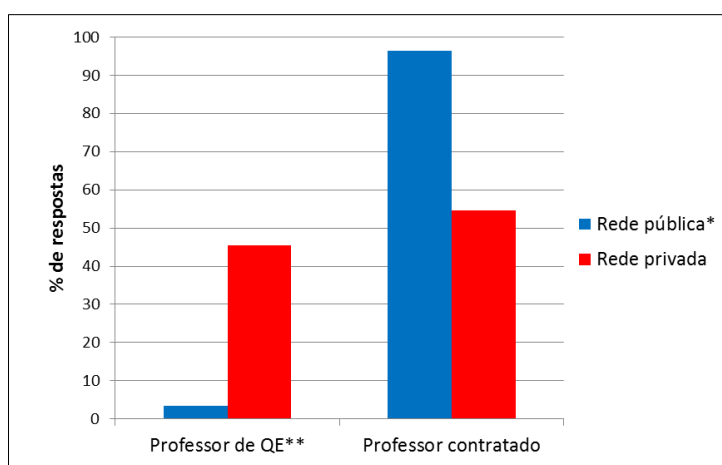
A questão sobre as habilitações para dinamizar a atividade de Inglês na educação pré-escolar sublinha a pertinência e necessidade de formar docentes para o ensino de línguas estrangeiras em idade precoce, bem como de se possuir um bom nível de competência linguística (nível B2 no mínimo, de acordo com o QECR³).

O gráfico da Figura 9 revela a situação do professor responsável pela oferta de língua estrangeira nas escolas de rede pública e privada. Verifica-se que mais de 96% de professores de Inglês da rede pública não pertencem aos quadros do Agrupamento ou Escola. A razão para esta situação prende-se com o facto de que a maior percentagem de oferta de projetos de Inglês são promovidos e organizados por entidades externas (por exemplo Câmaras, Juntas de Freguesia ou associações de pais). Estes professores são contratados por estas instituições, em *part-time*, contra recibo verde.

³ Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas estrangeiras

A diferença entre as duas redes, pública e privada, é flagrante relativamente a estes números. Na rede privada, perto de 45% dos professores de Inglês, no pré-escolar, pertencem aos quadros da instituição. Um projeto de oferta de língua estrangeira que envolva professores que não pertencem aos quadros da escola/instituição provavelmente não terá o mesmo sucesso, pois tornar-se-á mais difícil organizar e participar em reuniões com toda a equipa docente para planificar, integrar e articular as experiências de aprendizagem das crianças, o que não se afigura fácil para os projetos que envolvam professores que não pertencem aos quadros da escola/instituição.

Figura 9: Situação profissional do professor responsável pela oferta de LE



* Agrupamentos

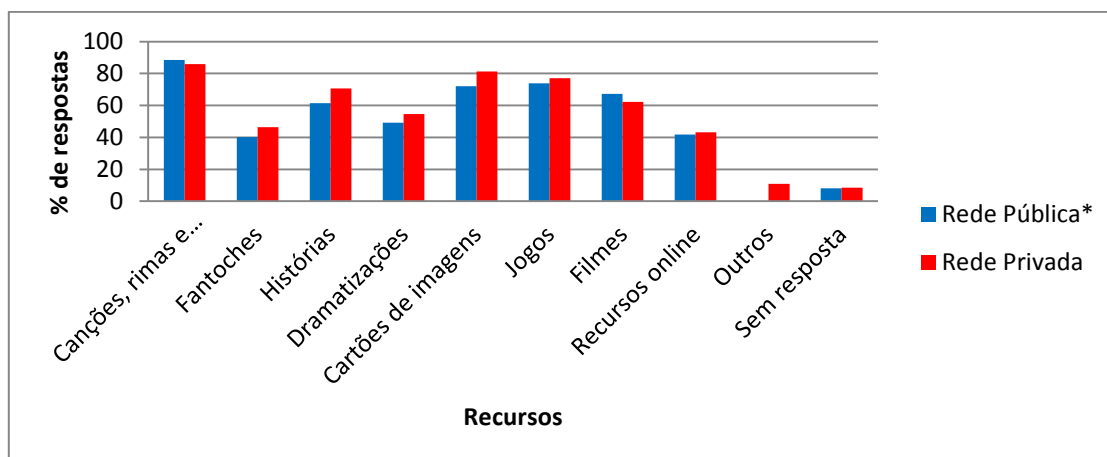
** Professor de Quadro de Escola

3.4 Prática pedagógica: recursos e atividades

O gráfico da Figura 10 revela as respostas dadas pelos professores relativamente ao tipo de recursos utilizados na sala de aula e de acordo com uma lista de exemplos fornecida no inquérito. Como pode ser verificado poucas são as diferenças entre a rede pública e a privada. Os recursos mais utilizados (cerca de 85%) são as canções, rimas e lengalengas em ambas as redes. As imagens, os jogos, as histórias e os filmes foram apontados entre 60% a 80% e as dramatizações, fantoches e atividades *online* em 40% a 55%.

Apesar de quase todos estes recursos nos parecerem adequados no âmbito da sensibilização a uma língua estrangeira, nesta faixa etária (de acordo com Dunn, 2014; Ferreirinha, 2014; Mourão, 2014; Slattery, 2008; Ward & Reilly, 1997), seria necessário apurar através de observação de que forma são utilizados estes recursos e com que objetivos. De referir ainda, que o facto de 15% das instituições indicar que os seus professores não utilizam canções na sua prática docente, e 60% não utilizam fantoches, é preocupante.

Figura 10: Recursos e atividades utilizadas nas aulas de inglês



* Agrupamentos

Na lista de recursos não constavam manuais escolares, uma vez que na educação pré-escolar os manuais escolares não são recomendados pelo Ministério da Educação. Ainda assim, algumas respostas da rede privada (10%) indicaram, no inquérito, e na opção “Outros”, que utilizavam também manuais escolares. Havendo uma diversidade de recursos para a aprendizagem de línguas estrangeiras na educação pré-escolar disponíveis no mercado nacional e internacional, consideramos que a seleção criteriosa destes recursos pode proporcionar um apoio precioso, sobretudo a docentes com pouca experiência.

3.5 Evidências de boas práticas

Tendo em conta que haverá no futuro cada vez mais projetos de Inglês na educação pré-escolar, dever-se-á ter em conta algumas orientações e abordagens nesse sentido. De acordo com o guia estratégico da Comissão Europeia a língua estrangeira devia ser “integrated into contexts in which the language is meaningful and useful, such as in everyday or playful situations, since play is the child’s natural medium of learning in pre-primary” (2011: 14). Assim sendo, as atividades de aprendizagem de uma língua estrangeira devem:

- ser adaptadas ao contexto e à idade da criança;
- ocorrer em situações autênticas e significativas;
- criar oportunidades para uma aprendizagem natural da língua;
- ter em conta o contexto da educação pré-escolar;
- integrar o brincar;
- ser integradas nas rotinas do jardim de infância.

Robinson, Mourão e Kang (2015) sugerem ainda “a holistic and integrated approach to the teaching of English at pre-primary level” (p. 29), combinando as atividades de iniciativa do

professor com o jogo da iniciativa da criança. Deste modo, um dos objetivos deste inquérito era também a recolha de evidências de diferentes práticas e abordagens, em particular daquelas que permitiam a integração de projetos de língua estrangeira e de práticas colaborativas, as quais promovessem um crescimento e enriquecimento de oportunidades para as crianças aprenderem uma língua estrangeira de acordo com o seu nível de desenvolvimento.

Enquanto responsável por um projeto de língua estrangeira, o educador de infância, naturalmente, integrará as atividades de língua estrangeira na sua prática letiva diária, no entanto os resultados mostram-nos que a maioria dos professores responsáveis por esta atividade não são os educadores de infância, dificultando, assim, a integração de um projeto de ensino consequente e colaborativo (Mourão e Robinson, 2016: 262). Mais, os projetos de língua estrangeira que fazem parte do currículo facilmente promovem um trabalho colaborativo, integrando-o assim na prática letiva da sala de aula.

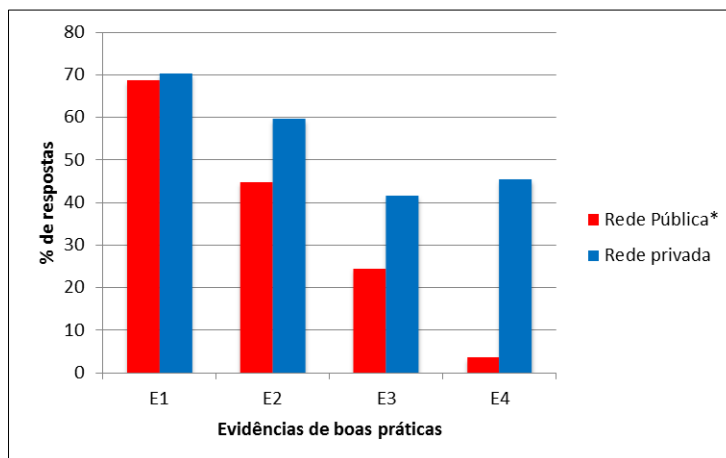
As respostas dadas por escolas/instituições, que apontavam para uma integração dos projetos de língua estrangeira no currículo, foram analisadas em detalhe, com o objetivo de recolher evidências que confirmassem e exemplificassem essa mesma integração. De acordo com o referido pela literatura de investigação e da análise destes resultados, são quatro as práticas que podem ser consideradas como exemplo de um projeto integrador:

1. planificação em conjunto, realização e avaliação do projeto de língua estrangeira entre o educador de infância e o professor da língua estrangeira;
2. participação do educador nas atividades de língua estrangeira, na sala de aula;
3. existência de uma área específica para a língua estrangeira, na sala de aula;
4. integração do professor de língua estrangeira nos quadros da escola/instituição.

Tendo em conta estas quatro práticas integradas, o gráfico da Figura 11 revela que os projetos de Inglês, que fazem parte do currículo, tanto na rede pública como na rede privada, indicam uma percentagem razoável de planificação, implementação e avaliação em conjunto do mesmo, quase 70%. Relativamente à questão do educador de infância participar, e/ou estar presente nas atividades de Inglês, essa percentagem diminui. Sendo que na rede pública apenas 44% confirma esta prática, contra 60% na rede privada. Ainda, menos de 50% das escolas apontam a existência de uma área específica para o Inglês, dentro da sala de aula; por exemplo, na rede pública menos de 25%; e na rede privada um pouco mais de 45%. Nesta análise pode confirmar-se o que já foi mencionado anteriormente, que é raro um professor de Inglês pertencer aos quadros da escola (3,5%). No entanto, na rede privada, esta situação não é tão preocupante, pelo menos nas instituições que indicaram o projeto de Inglês como fazendo parte do currículo (acima dos 45%).

Podemos assim concluir que a rede privada apresenta evidências de práticas mais apropriadas, integradas, e adequadas à aprendizagem de Inglês na educação pré-escolar.

Figura 11: - Evidências de boas práticas



* Agrupamentos

Chave: **E1:** Educadores e professores de LE planeiam e avaliam em conjunto | **E2:** Educadores participam nas aulas de LE | **E3:** Existe uma área específica para a LE na sala de aula | **E4:** O professor faz parte dos quadros da escola.

3.6 Conclusão da primeira fase do estudo

A aprendizagem de uma língua estrangeira na educação pré-escolar é já uma realidade, em grande parte dos jardins de infância portugueses, quer da rede pública quer da rede privada. Nesta primeira fase do estudo, pudemos comprovar que a língua Inglesa é praticamente a única língua de oferta na educação pré-escolar em Portugal continental.

Na generalidade dos casos, os projetos de Inglês são iniciados com grupos de alunos de 3 anos de idade, sendo considerados, maioritariamente, programas de exposição à língua “prepare and help children receive a restricted amount of exposure to learn a new language” (Comissão Europeia, 2011: 15).

Esta atividade é, na generalidade, lecionada por professores de Inglês, apesar da sua pouca ou nenhuma formação para o ensino de Inglês nesta faixa etária e que na maioria das vezes não pertence aos quadros da escola/instituição onde trabalha. Na análise dos dados podemos constatar que estas instituições (rede pública e privada com oferta de língua estrangeira) e os seus professores apresentam evidências de práticas diversas, como poderá ser constatado posteriormente nos resultados do trabalho de campo.

Os resultados deste questionário demonstram ainda que não existe uma igualdade de oportunidades no que concerne a aprendizagem de Inglês, na educação pré-escolar, em Portugal. Estes mesmo dados revelam que uma criança que frequente a educação pré-escolar numa rede

privada, mais facilmente receberá uma educação onde a aprendizagem de uma língua estrangeira faça parte do currículo.

3.6.1 Considerações

Apesar do Inglês ser a única língua de oferta, consideramos pertinente a sensibilização para outras línguas estrangeiras nesta faixa etária, abrindo assim o leque a várias sonoridades e ritmos das línguas.

Tendo em conta a análise de resultados desta primeira fase e em conclusão, seguem algumas sugestões que consideramos importantes.

Formação inicial de educadores de infância:

- deve ser equacionada a existência e implementação na formação inicial de educadores de infância e professores de língua estrangeira, que deverá incluir módulos de didática específica de língua na educação pré-escolar, psicologia da aprendizagem dos mesmos e, ainda, metodologias de trabalho colaborativo.

Formação contínua de educadores de infância:

- deverá ser proporcionada formação contínua a todos os educadores e professores de língua estrangeira que se encontrem a lecionar Inglês ou outra língua na educação pré-escolar. Neste ano letivo iniciou-se uma parceria entre as associações APEI e APPI, com a realização de um sábado temático (apresentação dos resultados deste Inquérito aos educadores de infância, seguido de um *workshop*, bem como uma ação de formação creditada: *Teaching English in Preschool*, criada pela Doutora Sandie Mourão e Dra. Sónia Ferreirinha.

Grupo de trabalho

- a criação de um grupo de trabalho que produza linhas orientadoras ou orientações programáticas para projetos de língua estrangeira em Portugal, facilitadoras e promotoras de práticas pedagógicas de qualidade e adaptadas a esta faixa etária (3 a 6 anos). Esse documento deverá estar em conformidade com as novas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar e ter em conta as orientações mencionadas neste relatório.

A APPI, em parceria com a APEI, predispõe-se a colaborar com o Ministério da Educação – Direção Geral de Educação – neste sentido.

4. Fase 2: Trabalho de campo

A segunda fase deste projeto foi planeada para incluir entrevistas a professores de línguas estrangeiras e educadores de infância, observações de aulas, bem como partilhar a recolha de opiniões e atitudes de crianças face às suas experiências de aprendizagem, através de desenhos comentados.

Infelizmente o inquérito foi enviado às instituições apenas em maio de 2015 com um prazo limite de resposta de 20 de junho. Esta segunda fase ficou comprometida, uma vez que foi difícil, já no final do ano letivo, visitar as escolas para recolher dados. Contudo, foi realizado algum trabalho de campo, o qual inclui: três observações em sala de aula, oito entrevistas a professores de Inglês e dezasseis a educadores de infância, e ainda recolha de dois conjuntos de desenhos comentados. Este trabalho de campo tem continuação até ao final do ano letivo de 2015/16.

5. Bibliografia

- Cameron, L. (2001). *Teaching Languages to Young Learners*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Dunn, O. (2013). *Introducing English to Young Children: Spoken Language*. London: Collins.
- European Commission, (2002). *Presidency Conclusions - Barcelona 15 and 16 March 2002*. Available online: http://www.consilium.europa.eu/ueDocs/cms_Data/docs/pressData/en/ec/71025.pdf
- European Commission, (2011). *Language Learning at Pre-primary School Level: Making it Efficient and Sustainable. A Policy Handbook*. Brussels: European Commission. Available online: http://ec.europa.eu/languages/policy/language-policy/documents/early-language-learning-handbook_en.pdf
- Eurydice (2012). *Key Data on Teaching Languages at School in Europe 2012*, Brussels: Education, Audiovisual and Culture Executive Agency.
- Ferreirinha, S. (2014). “Nursery Rhymes: Contributos para o Desenvolvimento da Literacia e Aquisição de uma Segunda Língua (Inglês) na Educação Pré-Escolar”. Unpublished masters dissertation, Nova University Lisbon.
- Gregório, C., Perdigão, R. & Casas-Novas, T. (2013). *Relatório Técnico – Integração do ensino da língua inglesa no currículo do 1º ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação. http://www.cnedu.pt/content/noticias/CNE/RelatorioTecnico_final.pdf
- Mourão, S. (2014). Fostering child-initiated play in pre-primary classrooms. *ELT Journal Special Issue Teaching English to Young Learners*, 68/3, 254-264.
- Mourão, S. & Lourenço, M. (Eds.) (2015). *Early years second language education: international perspectives on theories and practice*. Abingdon: Routledge.
- Mourão, S. and Robinson, P. (2016). ‘Facilitating the learning of English through collaborative practice’ in Victoria Murphy and Maria Evangelou (eds), *Early Childhood Education in English for Speakers of Other Languages*, London: British Council.
- Murphy, V.A., and Evangelou, M., (eds), (2016). *Early Childhood Education in English to Speakers of Other Languages*, London: British Council. Available online: <https://www.teachingenglish.org.uk/article/early-childhood-education-english-speakers-other-languages>

Reilly, V. and Ward, S. (1997). *Very Young Learners*, Oxford: Oxford University Press.

Rixon, S. (2013). *British Council Survey of Policy and Practice in Primary English Language Teaching*

Worldwide. London: British Council. Available online:

<https://www.teachingenglish.org.uk/article/british-council-survey-policy-practice-primary-english-language-teaching-worldwide>

Robinson, P., Mourão, S, and Kang, N-J. (2015). *English Learning Areas in Preschool Classrooms: an investigation of their effectiveness in supporting EFL development*, London: British Council. Available online:

<https://www.teachingenglish.org.uk/article/english-learning-areas-pre-primary-classrooms-investigation-their-effectiveness>

Slattery, M. (2008). *Teaching with Bear*. Oxford: Oxford University Press.

Anexos

Inquérito